

at the still point of the turning world

MÚSICA NO FEMININO



GULBENKIAN
MÚSICA

28 jan 2019

at the still point of the turning world

28 JANEIRO
SEGUNDA
21:30 — Grande Auditório

Joana Gama e **Luís Fernandes** Composição
José Alberto Gomes Orquestração e Arranjos

Joana Gama Piano

Luís Fernandes Eletrónica

José Alberto Gomes Direção

Suse Ribeiro Som

Frederico Rompante Luz

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Nuno Inácio Flauta Sally Dean Oboé Nuno Silva Clarinete Lurdes Carneiro Fagote Daniel Canas Trompa
Sérgio Charrinho Trompete Reinaldo Guerreiro Trombone (convidado Ex-ANSO) Fernando Llopis e Marco
Fernandes (convidado) Percussão José Pereira 1º Violino Agnes Sarosi 2º Violino Joana Cipriano Viola
Nuno Abreu Violoncelo Vladimir Kouznetsov Contrabaixo

at the still point of the turning world

1. *lucid stillness*
2. *perpetual possibility*
3. *neither flesh nor fleshless*
4. *shaft of sunlight*
5. *through the vibrant air*
6. *other echoes*
7. *the pattern is movement*

Este concerto é gravado pela Rádio e Televisão de Portugal (RTP)

Duração total prevista: c. 50 min.
Concerto sem intervalo



at the still point of the turning world

Durante o fim-de-semana dedicado ao programa *100 Cage*, com que o Teatro Maria Matos celebrou, em outubro de 2012, o 100.º aniversário do nascimento do compositor norte-americano John Cage, a pianista Joana Gama viu-se diante de uma instalação sonora da autoria de Luís Fernandes. E percebeu que havia na sua vizinhança, em Braga, alguém que partilhava com ela um universo musical a que Cage não era estranho. Foi na sequência desse encontro acidental que os dois se conheceram e trocaram ideias que não tardaram a concretizar-se numa parceria a dois. Uma invasão da música de um pelo outro, que tinha tanto de desafiante quanto de imprevisível ao juntar: o piano de Joana Gama, educado por uma formação clássica e com um fascínio natural pelo repertório contemporâneo; e a manipulação de sons eletrónicos por parte de Luís Fernandes, dirigida a uma linguagem abstrata que se aproximava de uma exploração sonora tangente à música erudita de vanguarda. O entendimento entre os dois foi tão imediato que, pouco tempo depois, avançaram com uma proposta para apresentação no Teatro Circo, em Braga, antecedida de um período de laboratório que permitiu lançar as bases para a música desenvolvida a dois. Uma música em que Luís Fernandes trabalha o processamento do som do piano de Joana Gama em tempo real, e a pianista se deixa contaminar por uma

música capaz de acolher o inesperado. O resultado foi, desde logo, tão encantatório, que partiram para a gravação dos temas criados nesse período e fixados no álbum *Quest* (2014), título inspirado por John Cage, cujo apadrinhamento involuntário do duo seria explicitado por uma interpretação muito particular da peça *Dream*. Aquilo que poderia não ter passado de uma inspirada experiência ocasional transformou-se num projeto fundamental na carreira de ambos. O entusiástico acolhimento de *Quest* gerou atuações em várias salas portuguesas e em festivais como *Novas Frequências* (Rio de Janeiro), *MadeiraDig* (Madeira) ou *Rooster Gallery* (Nova Iorque), bandas sonoras de filmes de Manuel Mozos e de Eduardo Brito e o projeto *Harmonies* (com o violoncelista Ricardo Jacinto), uma abordagem experimental à vida e obra de Erik Satie que também seria lançada em disco. Uma encomenda, do Westway Lab Festival, de um concerto para piano, eletrónica e ensemble, acabaria por resultar na obra *at the still point of the turning world* – verso do poema *Burnt Norton* de T. S. Eliot –, estreada a 7 de abril de 2017 em Guimarães. A orquestração e arranjos de José Alberto Gomes amplificaram e complexificaram a sonoridade do duo e a orquestra foi retirada da sua zona de conforto. É essa música, de uma beleza inexcelável, preciosa e enigmática, que escutaremos esta noite.



© ESTELLE VALENTE

Joana Gama

Joana Gama é uma pianista que se desdobra em múltiplos projetos. Em 2010, na classe de António Rosado, concluiu o Mestrado em Interpretação na Universidade de Évora, instituição onde defendeu, em 2017, a tese de doutoramento “Estudos Interpretativos sobre música portuguesa contemporânea para piano: o caso particular da música evocativa de elementos culturais portugueses” como bolsista da FCT. Como pianista e performer, tem estado envolvida em projetos que associam a música às áreas da dança (*Danza Ricercata* e *27 Ossos* de Tânia Carvalho; *Trovoada* de Luís Guerra; *Pele* da companhia Útero; *Nocturno* cocriação com Victor Hugo Pontes), do teatro (*Benny Hall* de Esticalimógama), da fotografia e do vídeo (*Antropia*, *Linha* e *terras interiores* de Eduardo Brito), e do cinema (*La Valse* de João Botelho; *Incêndio* de Miguel Seabra Lopes e Karen Akerman; *A Glória de fazer Cinema em Portugal* de Manuel Mozos; *Penúmbria* de Eduardo Brito). Em 2017 estreou três projetos que apresentou em itinerância: *Nocturno*, peça sobre a noite no universo infantil; *at the still point of the turning world*, em colaboração com Luís Fernandes; e um novo capítulo do seu trabalho à volta de Satie – o recital *LOVE SATIE* e *Eu gosto muito do Senhor Satie*, recital comentado para crianças. Em 2018 tocou *Vexations*, de Satie, durante 14 horas, na Fundação Gulbenkian, e tocou a solo no Panteão Nacional, no âmbito do Festival Rescaldo.



© EDUARDO BRITO

Luís Fernandes

Luís Fernandes desenvolve o seu trabalho nas áreas da composição musical, da performance e da curadoria artística. É doutorado pela Universidade do Porto. Enquanto músico, é elemento fundador da banda peixe:avião, mentor dos projetos *The Astroboy* e *Landforms*, membro dos coletivos La La La Ressonance e Palmer Eldritch, colabora em duo com Joana Gama e em trio com Joana Gama e Ricardo Jacinto. Em 2018, juntamente com André Gonçalves e Lloyd Cole, desenvolveu o projeto *Speaking of Chance*, explorando a aleatoriedade controlada em sistemas de síntese modular. O âmbito do seu trabalho alarga-se à composição de música para cinema, vídeo e instalações, sendo de destacar o filme *Mahjong*, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, apresentado nos Festivais de Cannes e Locarno, e a exposição *Porto Poetic*, de homenagem aos arquitetos Siza Vieira e Souto Moura, na Triennale di Milano, com o alto patrocínio do Museum of Modern Art-MoMa. Foi orador convidado no Berklee College of Music (Valência), no Festival d'arts numériques (Montreal), na Universidade Católica Portuguesa e na ESMAE. É diretor artístico e fundador do Festival Semibreve e diretor artístico do *gnration*, em Braga. Comissariou trabalhos nos domínios do som, da imagem e dos cruzamentos disciplinares a, entre outros, Phill Niblock, Mark Fell, Stephan Mathieu, Ryoichi Kurokawa, Tarik Barri, Hans-Joachim Roedelius, Joanie Lemercier, Keith Fullerton Whitman, Sarah Davachi, AGF e Zimoun.



© DR

José Alberto Gomes

José Alberto Gomes completou o Curso de Piano do Conservatório do Porto e em 2007 finalizou a licenciatura em Composição na ESMAE. Criou laços muito fortes com as novas tecnologias musicais e o papel da música no teatro, cinema, instalações e eletrónica na improvisação, tendo especial interesse em procurar novas formas e novos “lugares” musicais. Doutorado em Computer Music pela Universidade Católica Portuguesa, é atualmente docente no Mestrado de Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e no Doutoramento de Media e Arte Digital na Universidade Aberta. Apresenta-se em projetos a solo, coletivos ou em parcerias (BlacKoyote, Digitópia Collective, Srosh Ensemble, Hans-Joachim Roedelius, Gustavo Costa, Ricardo Jacinto, Henrique Portovedo, Jon Rose), nas áreas de música e sonoplastia para peças de teatro e vídeo (*From Peter Handke's Essay about the Successful Day* - Teatro da Comuna; *Longe* - FITEI/Rivoli; *Cidade Domingo* - Teatro Oficina/Guimarães 2012; *Prometeu* - Teatro de Formas Animadas; *Ínsua* - Ruptura Silenciosa), como criador de instalações sonoras (*A Perpetuação do tempo sob o presente* - Journées Européennes du Patrimoine; *Re-Interpretação Urbana* - Fundação de Serralves, *Substantive Derivative* - Emiliano Zelada/Ingresso Pericoloso) e como compositor para eletrónica e ensemble instrumental (Remix Ensemble, Drumming, Nuno Aroso, João Dias, Henrique Portovedo, FactorE, Srosh Ensemble, Orquestra Estúdio).



© DR

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa mantém uma programação regular desde 1992. Os seus músicos asseguram uma intensa atividade que se distingue pela qualidade e pela versatilidade, o que permite abordar repertórios diversos, criar novos públicos e afirmar o caráter inovador do projeto AMEC | Metropolitana, do qual esta orquestra é a face mais visível. Desde o início, a Orquestra Metropolitana de Lisboa afirmou-se como uma referência incontornável do panorama orquestral nacional, apresentando-se frequentemente em eventos públicos de extrema relevância. Tem gravados mais de uma dezena de CD – um dos quais disco de platina – para diversas editoras, incluindo a EMI Classics, a Naxos e a RCA Classics. Ao longo do seu historial, colaborou com inúmeros maestros e solistas de grande reputação nos planos nacional e internacional. A Direção Artística da Orquestra Metropolitana de Lisboa é, desde 2013, assegurada por Pedro Amaral que, a partir de 2018, passou a acumular as funções de Maestro Titular.

